Protestantismo em Revista é licenciada sob uma Licença Creative Commons.
http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v45i2

COMUNICAÇÃO E EVANGELHO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA DA PROPAGAÇÃO DA MENSAGEM CRISTÃ[1]

COMMUNICATION AND GOSPEL: A HISTORICAL ANALYSIS OF THE PROPAGATION OF THE CHRISTIAN MESSAGE

Diego Luz Santos[2]
Anthony Mateus Nascimento da Silva[3]

Resumo:
Este artigo explora a evolução da comunicação da Igreja Cristã ao longo dos séculos, destacando como seus métodos e meios de propagação se transformaram desde a Igreja Primitiva até os formatos contemporâneos. O estudo traz uma análise da comunicação intereclesiástica na era da perseguição romana e avança para a oficialização do cristianismo como religião do Império Romano. O artigo examina a construção da instituição Católica Romana e o impacto do cisma, bem como a Reforma Protestante do século XVI e a invenção da imprensa, que revolucionaram a disseminação da mensagem cristã. Pontua-se a trajetória contínua com a transformação da Igreja Protestante, observando suas bases europeias e americanizadas, e as figuras proeminentes dos últimos quatro séculos. O artigo reafirma que a verbalização do Evangelho é crucial para a conversão e a expansão da mensagem cristã, ressaltando a evolução dos métodos comunicacionais na história da Igreja.

Palavras-chave: Igreja, Teologia, Cristianismo, Religião, Comunicação

Abstract:
This article explores the evolution of Christian Church communication over the centuries, highlighting how its methods and means of propagation have transformed from the Primitive Church to contemporary formats. The study provides an analysis of inter-ecclesiastical communication in the era of Roman persecution and advances towards the officialization of Christianity as a religion of the Roman Empire. The article examines the construction of the Roman Catholic institution and the impact of the schism, as well as the 16th-century Protestant Reformation and the invention of the printing press, which revolutionized the dissemination of the Christian message. The continuous trajectory with the transformation of the Protestant Church is highlighted, observing its European and Americanized bases, and the prominent figures of the last four centuries. The article reaffirms that the verbalization of the Gospel is crucial for the conversion and expansion of the Christian message, highlighting the evolution of communication methods in the history of the Church.
Keywords: Church, Theology, Christianity, Religion, Communication

***

1 Enviado em: 19.09.2024. Aceito em: 10.12.2024.
2 Doutorando em Teologia. Faculdades EST. E-mail: diego.jornalluz@gmail.com
3 Bacharel em Comunicação Social com Jornalismo. E-mail: anthonytrabuco@yahoo.com.br

Considerações iniciais

Visando trazer luz à discussão acerca da evolução comunicacional da Igreja ao longo dos séculos, o artigo, neste início, se propõe a analisar, desde os seus primórdios, como se deu a comunicação intereclesiástica e quais meios eram utilizados para a propagação de sua mensagem. Partindo da Igreja Primitiva, em meio à perseguição de Roma, passaremos pela oficialização do cristianismo como religião do Império, pela construção da Instituição Católica Romana e seu cisma na Reforma Protestante do século XVI, junto à invenção da imprensa, até chegarmos aos formatos da Igreja Protestante contemporânea, com suas bases europeias e americanizadas, representadas por figuras proeminentes dos últimos quatro séculos.

Com o passar do tempo, os métodos se alternaram e se adaptaram, de forma que, hoje, a Igreja — em suas diversas denominações e tradições — está presente em todos os formatos de comunicação, como rádio, televisão e internet.

A história da Igreja Cristã é longa. Conforme a Bíblia, livro base da religião cristã, o grande marco de sua fundação foi o dia de Pentecostes, narrado no capítulo dois do livro de Atos. Segundo a passagem, cinquenta dias após a ascensão de Jesus Cristo aos céus, "ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, [...] todos ficaram cheios do Espírito Santo" (At 2:1-2, 4 – NAA). E, junto ao surgimento da Igreja, veio também a comunicação eclesial. Segundo Stott (1994, p. 10), "a igreja de Cristo fora enchida pelo Espírito Santo, que a espalhou para testemunhar". A missão de testemunhar e divulgar o conteúdo do Evangelho como mensagem de salvação foi ordenada pelo próprio Cristo, no trecho conhecido como Grande Comissão: "Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado" (Marcos 16:15-16 – NAA).

"A ordenança vem sendo cumprida por meio das ações de evangelização desde a chamada Igreja Primitiva (33-325 d.C), e o processo já passou por inúmeros níveis de transformação ao longo do tempo" (COSTA, 2020, p. 2).

Isso mostra como a comunicação é uma chave essencial para o desenvolvimento da missão da Igreja desde seu início. Tanto é assim que, no mesmo relato do Pentecostes, é registrado o fenômeno da variedade de línguas como um dos primeiros sinais sobrenaturais que confirmavam a descida do Espírito Santo (Atos 2:4-11). O fenômeno consistiu na capacidade sobrenatural dos discípulos de falarem em idiomas desconhecidos, para que fossem ouvidos e as pessoas presentes fossem edificadas por seu conteúdo. A verbalização do conteúdo do Evangelho é indispensável para o processo de conversão: "Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?" (Romanos 10:14 – NAA). E, uma vez que a verbalização é essencial para a propagação da mensagem cristã, a necessidade da comunicação intensificou-se cada vez mais ao longo da história.

Apanhado Histórico-Teológico

Como dito na introdução deste artigo, é impossível desvincular Igreja de comunicação. "A palavra é criadora [...] Deus cria todas as coisas comunicando [...] A comunicação cria, gera vida. A comunicação é vida." (ZANON, 2021, p. 8). Desde os seus primórdios, a comunicação e a verbalização dos ensinos de Cristo foram a base da missão da fé cristã, pois

> a religião parece ter estado sempre ligada à comunicação. Da transmissão oral de ensinamentos na praça pública, modelo adotado, por exemplo, no início do Cristianismo e que parece ter sido um dos responsáveis pela expansão dessa doutrina, até a complexa mediação eletrônico-tecnológica utilizada por várias Igrejas na atualidade, é difícil imaginar a religião fora dos ambientes midiáticos existentes em cada época. (MARTINO, 2016, p. 90).

A análise do uso dos "ambientes midiáticos existentes em cada época" é, portanto, crucial para esta pesquisa. A utilização dos meios de comunicação da época para a pregação do evangelho e o pastoreio dos cristãos nos mostra que o Deus que se revela à humanidade não faz ressalvas aos meios humanos de comunicação; antes, usa-os e os molda conforme sua santa e perfeita vontade, por meio de seus emissários (WON, 2020, p. 343). Logo, comunicação e religião nunca estiveram desassociadas. Assim, o uso dos ambientes midiáticos para a expansão da mensagem e continuidade das atividades eclesiásticas fez-se completamente necessário.

Catacumbas e marginalização

O período de clandestinidade e marginalização da Igreja Cristã começou logo cedo. Narrada também no livro de Atos, após o martírio do diácono Estêvão, ocorreu a primeira grande dispersão e perseguição (Atos 8:1-4). Segundo o texto, a dispersão causou um evento singular: o alargamento da comunicação da mensagem. A perseguição aumentava o alcance da mensagem, pois pressionava a dispersão de cristãos pela região. Como afirma Hurlbut, "seus membros dispersaram-se por vários lugares. Entretanto, onde quer que chegassem, [...] se constituíam em pregadores do evangelho e estabeleciam igrejas. Dessa forma, o ódio [...] era um fator favorável à propagação do evangelho e da igreja" (HURLBUT, 2007, p. 31).

Com o tempo e o crescimento da fé, a demanda das comunidades cristãs aumentava, tornando as viagens missionárias cada vez menos viáveis, em razão das limitações físicas e financeiras. Foi então que a comunicação por cartas se tornou um dos principais meios de interação entre as igrejas da época. O Novo Testamento possui 27 livros canonizados, dos quais 21 são cartas — número que pode aumentar se considerarmos as estruturas epistolares presentes em livros como o Evangelho de Lucas, Atos e Apocalipse. Dentre esses escritos, temos 13 cartas do apóstolo Paulo, o maior comunicador do Novo Testamento. Sua produção compõe mais de 25% do conteúdo neotestamentário e serviu de base para os escritos de outros autores apostólicos. Além das suas cartas canonizadas, há menção à existência de outras, que também faziam parte de sua comunicação pastoral (cf. 1 Coríntios 5:9 e Colossenses 4:16).

A fase de perseguição do cristianismo durou, pelo menos, três séculos, resultando em diversas dispersões. O que, inicialmente, era visto pelo Império Romano apenas como mais uma seita do judaísmo, tornou-se um de seus maiores alvos. "As perseguições ocorridas entre os séculos I e III d.C [...] realmente pautaram a atuação da Igreja" (BRANDÃO, 2013, p. 1). Diante desse estado, a comunicação da Igreja teve, pela primeira vez, de se reinventar.

Fiéis cristãos foram forçados a se esconder, ocultando seus princípios e sua fé. "O contexto de clandestinidade e de perseguições motivou a inexistência de edificações erigidas especificamente para a celebração [...] locais já existentes, por isso insuspeitos, [foram] adaptados a essa finalidade" (EUSÉBIO, 2005, p. 11). As reuniões, escondidas sob as catacumbas, eram conhecidas apenas internamente pela comunidade. "As catacumbas eram cavidades que serviam de cemitério subterrâneo aos cristãos primitivos [...] não foram apenas locais de sepultamento, mas também adaptações destinadas aos cultos clandestinos dos cristãos" (MARTINS, 2015, p. 83, apud

RODRIGUES e NUNES, 2019, p. 36). Suas entradas eram marcadas com símbolos discretos, que comunicavam os princípios que regiam esses espaços.

Um exemplo de método de comunicação secreto usado pelos cristãos perseguidos foi o símbolo do peixe. Eles gravavam o sinal nas paredes das catacumbas, para que seus irmãos pudessem identificar o local (CORREIA, 2006, p. 51). O uso do peixe como símbolo cristão, por si só, é fruto do desenvolvimento dos métodos de comunicação. A palavra "peixe", em grego *icthus*, pode ser um acrônimo para uma confissão de fé cristã: "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador". Conforme explica Correia (2006, p. 51):

> ***I*** *esous* = Jesus
> ***C*** *hristos* = Cristo
> ***Th*** *eous* = de Deus
> ***U*** *ious* = Filho
> ***S*** *oter* = Salvador

A sigla, pronunciada como uma palavra, significa "peixe" — daí o uso do desenho.

Apesar das dificuldades enfrentadas pela marginalização e clandestinidade da fé, a Igreja Cristã Primitiva não abriu mão de sua comunicação. Era necessário, apenas, adaptar-se aos novos meios, para continuar cumprindo a missão que criam ter sido dada pelo próprio Cristo. Esse processo estendeu-se por, pelo menos, quase 300 anos. "Entretanto, com o passar dos séculos, a atuação [...] exercida pela Igreja Primitiva não era mais suficiente para alcançar a dimensão necessária de pessoas" (COSTA, 2020, p. 6).

A força do Império Romano

O processo de perseguição do Império à Igreja não foi ininterrupto, mas se repetia em ciclos durante centenas de anos. "A perseguição, no quarto século, durou até o ano 313, quando [...] Constantino, o primeiro imperador cristão, fez cessar todos os propósitos de destruir a igreja de Cristo" (HURLBUT, 2007, p. 57).

Segundo conta a história, na véspera de uma importante batalha, o imperador Constantino sonhou com Cristo. No sonho, Jesus indicava um símbolo com seu nome em grego (☧), afirmando que "sob este sinal vencerás". Constantino marcou os equipamentos com o cristograma e venceu a batalha. Sua vitória foi associada ao sonho e, com isso, o imperador se converteu, levando consigo todo o império (LEITE, 2017, p. 12-13).

Com a conversão do imperador, todo o império seguiu o curso da nova religião oficial. E, com essa nova estrutura, a comunicação religiosa se tornou mais frutífera: "a sólida administração romana tornou mais fáceis e seguras as viagens e as comunicações. As estradas constituíram uma otimização sem precedentes no trânsito dentro dos limites imperiais" (OLIVEIRA, 1985, p. 04, apud CASTOLDI, 2014, p. 48).

A Igreja tinha a seu favor a maior e mais poderosa instituição do mundo e "foi substituindo, aos poucos, o helenismo [...] comunicável para outros idiomas" (LEITE, 2017, p. 30). A essa altura, já não se comunicava mais como um grupo independente (tal qual fora nos primórdios do ministério de Cristo), muito menos como um grupo clandestino (como acontecera antes da conversão de Constantino). "A Igreja cristã construiu uma organização hierárquica que se espalhava por todo o Império, servindo assim de sustentáculo e agente incentivador da expansão do cristianismo" (CRUZ, 2010, p. 22).

A partir do século IV, temos uma Igreja solidificada no mundo romano, crescendo cada vez mais e se engajando no estabelecimento de diálogos com os poderes seculares. Deixou de ser

somente um grupo em busca de salvação, e se tornou também um corpo de poder nas entranhas da antiga sociedade romana (CRUZ, 2010, p. 25). E essa mudança foi cultural, pois foi reforçada pela atualização da tradição oral para a tradição escrita. Essas mudanças deram à Igreja maior organização e conteúdos mais sistematizados. Agora, a Igreja era livre para construir seus espaços de culto e podia comunicar o Evangelho com liberdade, migrando das ruas, praças e casas para os templos (ZANON, 2021, p. 10-11).

Com o estabelecimento da Igreja Imperial, a mensagem do Evangelho passou a ter livre circulação nos caminhos de Roma, e os meios oficiais de comunicação romanos tornaram-se meios de cumprimento da Grande Comissão, produzindo cópias e mais cópias dos textos sagrados, preservando-os durante mais de mil anos. “Cópias escritas à mão conhecidas a nós datam desde o início do século III até a era da impressão” (XAVIER, 2016, p. 54). A Bíblia (especificamente, o Novo Testamento) é o escrito antigo mais copiado do mundo.

Só a título de comparação, o Novo Testamento possui mais cópias do que os clássicos da literatura grega: “Enquanto se nomeiam cinquenta [...] manuscritos de Ésquilo, cerca de cem de Sófocles, algumas centenas de Cícero e Ovídio, o Novo Testamento possui [...] cerca de 5.500, incluindo 96 papiros, 299 maiúsculos, 2.812 minúsculos e 2.281 lecionários” (BENÍCIO, 2005, p. 183), sendo o fragmento mais antigo pertencente ao século V (BENÍCIO, 2005, p. 183).

Com o passar dos séculos, o que se tornara a Igreja Católica Romana (ICAR) deixou de ser a detentora dos meios de comunicação do Evangelho para se tornar o próprio meio. Por consequência, desenvolveu-se a ideia de exclusividade do Magistério na interpretação da Escritura. Assim, o acesso do povo à Bíblia tornou-se cada vez mais difícil, uma vez que a tradução recorrente era em latim, idioma não comumente falado pelo povo leigo. “Ainda no século XIV a escrita é um patrimônio quase que exclusivo da Igreja, que permitia aos laicos apenas um acesso restrito a poucos livros bíblicos” (FLORENTINO e SILVA, 2018, p. 326). E foi nesse cenário que a comunicação religiosa se desenvolveu durante a Idade Média, período que conteve o crescimento institucional da ICAR e sua ramificação de gestão sociocultural.

A Reforma Protestante e a invenção imprensa

No dia 31 de outubro de 1517, Martinho Lutero pregava um extenso documento às portas da Catedral de Wittenberg, na Alemanha. O maior nome da Reforma Protestante fez da mídia sua maior aliada. Afinal, “as portas da Igreja do Castelo de Wittenberg foram importantes meios de comunicação religiosa com a sociedade europeia nos primórdios dos processos de midiatização religiosa” (BUDKE, 2015, p. 14). Em suas 95 Teses, Lutero fazia ampla crítica à má administração do sistema de indulgências e às falsas pregações.

Dentre os avanços comunicacionais causados pelos impactos da Reforma, estava a tradução da Bíblia do grego e do latim para o alemão, em 1522. Lutero a traduziu e deu ao povo leigo acesso integral às Escrituras, confrontando a ideia de que somente o Magistério Católico tinha a capacidade de interpretá-las. Esse processo, porém, foi reforçado por outro avanço midiático recente: a Bíblia de Gutenberg, que revolucionou a tecnologia da impressão.

A primeira impressora com tipos móveis permitiu a produção de impressos e livros a um custo acessível, e a Bíblia impressa foi, certamente, seu sucesso mais estrondoso (LEAL, 2020, p. 1162). Apesar de ter sido inventada mais de 80 anos antes da tradução luterana (entre 1439 e 1440), foi no bum causado por ela que a impressora de Gutenberg encontrou lugar comercial. “Oferta de impressão barata e demanda por leitura para a sua própria salvação levariam à alfabetização [...];

consequentemente, à Ciência e à Tecnologia, desenvolvidas nos séculos seguintes." (LEAL, 2020, p. 1163).

Budke dedica boa parte de sua obra a discorrer sobre as consequências midiáticas e comunicacionais da Reforma Protestante:

O surgimento de novas mídias [...] deve-se, em muitos aspectos, ao crescimento do movimento da Reforma pelo contexto europeu. O pensamento teológico de Lutero foi inserido em murais e contribuiu para o desenvolvimento das mídias religiosas ao reconhecer que a reflexão teológica não poderia acontecer apenas na esfera institucional e desvinculada do debate público. Lutero apropriou-se dos meios midiáticos de sua época para compartilhar seus princípios teológicos [...] sendo esse um processo de midiatização [...] no qual as pessoas assumem um papel fundamental na comunicação religiosa (BUDKE, 2015, p. 262-263).

Ele defende que as publicações estimulavam a criação de novos ambientes para a comunicação religiosa.

Lutero e os demais reformadores haviam encontrado, na imprensa, um meio para comunicar seus pensamentos teológicos (BUDKE, 2015, p. 263), como panfletos e pequenas reflexões. O primeiro deles resultou em mais de 14.000 cópias só em 1518 (BUDKE, 2015, p. 269). Os instrumentos de mídia foram grandes aliados no processo de crescimento da Reforma e, hoje, é impossível pensá-la sem considerar seus elementos comunicacionais. "A distribuição do conteúdo teológico em uma rede de pessoas, o êxito nos vínculos estabelecidos com a imprensa e mídias sociais e os efeitos midiáticos sob as massas que acolheram as publicações teológicas de Lutero" (CLAPHAM, 1957, p. 130-160 apud BUDKE, 2016, p. 264).

Da Reforma à contemporaneidade

Junto à Reforma enquanto filosofia, crescia a Reforma enquanto comunicação. Seus princípios e valores se intensificaram ao longo dos séculos e foram fortalecidos pelos meios de comunicação disponíveis. Os nomes mais proeminentes da história da teologia protestante fizeram uso da mídia e da comunicação de suas épocas para propagar sua mensagem.

John Bunyan (1628-1688) foi, certamente, um dos comunicadores mais influentes do tempo dos puritanos. De sua autoria, há um dos livros mais vendidos da história: *O Peregrino*, publicado originalmente em 1678. Em sua primeira década de circulação, foram vendidos mais de 100.000 exemplares e, ao longo da história, foi traduzido para, pelo menos, 200 idiomas (tendo holandês, francês e galês aparecendo ainda durante a vida de Bunyan). É o livro mais vendido da história, com exceção da Bíblia e, talvez, *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis (BEEKE e PEDERSON, 2010, p. 177). Devido ao alcance dos seus escritos, John Bunyan comunicou a cosmovisão puritana como nenhum outro de sua época.

No século seguinte, há pelo menos três notáveis dignos de citação: Jonathan Edwards (1703-1758), John Wesley (1703-1791) e George Whitefield (1714-1770). Edwards produziu, nos Estados Unidos, uma grande gama de conteúdo que comunicava a essência do Evangelho. "Um fascinante compêndio de 235 cartas, inclusive 116 nunca antes publicadas ou reimpressas desde a morte de Edwards, e quatro textos autobiográficos" (BEEKE e PEDERSON, 2010, p. 292). Fora suas cartas e tratados, produziu também inúmeros sermões em seus 36 anos de ministério. Quer tenha sido como teólogo, pastor ou filósofo, "todos concordam que os seus escritos, especificamente os seus sermões, são proveitosos espécimes de um dos melhores e últimos puritanos" (BEEKE e PEDERSON, 2010, p. 281).

Na Inglaterra, Wesley visitava presídios e dava grande atenção às questões sociais do seu país enquanto pregava o Evangelho às multidões. Conta-se que, certa vez, pregou para um público de cerca de 14.000 pessoas (DANELUZ, 2010, p. 25). Comunicador voraz, chegou a percorrer mais de 170 mil quilômetros, pregando cerca de 40.000 sermões em 50 anos, uma média de 800 por ano. Desenvolveu também compêndios de medicina, movimentos de apoio educacional, reforma prisional e chegou a ser voz no movimento abolicionista (DANELUZ, 2010, p. 25).

Tal qual Wesley, Whitefield foi um pregador por excelência. "Não havia prédio onde coubessem os auditórios e, por isso, sempre armava seu púlpito nos campos, fora das cidades" (FERNANDES, 2006, p. 3). Pregador itinerante, "viajava intensamente […]. Atravessou treze vezes o Atlântico para pregar nos Estados Unidos. Organizou seus convertidos em sociedades [...] e utilizou largamente o serviço de pregadores leigos" (FERNANDES, 2006, p. 3). Ambos buscavam que o máximo de pessoas possível pudesse ouvi-los. Dessa forma, desenvolveram os ministérios mais frutíferos do século XVIII.

Em 1834, nascia, na Inglaterra, Charles Haddon Spurgeon, um dos comunicadores do Evangelho mais conhecidos da história, digno da alcunha de "o Príncipe dos Pregadores". Convertido aos 17 anos e ordenado pastor aos 19, mantinha sua agenda cheia, pregando em torno de oito a doze sermões por semana (BOYER, 1999, p. 158) e, ainda assim, fazia uso de outros meios de comunicação para propagar o Evangelho, tendo sob sua autoria mais de 135 tomos de livros (BOYER, 1999, p. 159).

Seus sermões foram publicados em tão grande número, no mundo todo, que, mesmo se alguém os lesse um por dia, nem em 10 anos poderia consumir sua obra completa. Ele também escrevia periodicamente para seu jornal *A Espada e a Colher* (BOYER, 1999, p. 160). Spurgeon fazia parte do cotidiano da contemporaneidade londrina, pois seus sermões vendiam disparadamente. Não há pregador que sequer se compare a ele, em relação ao volume de conteúdo divulgado. Segundo Lawson (LAWSON, 2012, p. 35), "Spurgeon é o pregador mais amplamente lido em toda a história", com números absurdos. Em 38 anos de ministério, Spurgeon recebeu mais de 14.000 novos membros em sua igreja, tendo batizado mais de 75% deles (LAWSON, 2012, p. 34).

Na história da igreja recente, talvez só outro pregador tenha tido tanto ou mais alcance mundial. E, dessa vez, não mais com volume de livros e sermões vendidos, mas com grandes cruzadas e alcance radiofônico: Billy Graham (1918-2018). Ele foi, em alcance presencial, o maior pregador do século XX, quiçá, da história. Nunca nenhum outro havia pregado para tantas pessoas quanto ele (KOPP, 2020, p. 153). "Pregava sempre que tinha oportunidade, [...] todos os finais de semana, sete sermões ao ar livre, quase sempre à frente de um bar. Durante dois anos foi assim" (KOPP, 2020, p. 158).

Em suas inúmeras cruzadas, alcançava milhares de pessoas de diversas culturas, idiomas e cosmovisões. Como ele mesmo relatou: "temos conselheiros que falam diversas línguas. Por exemplo, em nossa última cruzada [...] tínhamos conselheiros capazes em 28 línguas. É impressionante que [...] há pessoas aceitando o 'convite' que entendem muito pouco ou nada do idioma em que foi proferida a mensagem" (GRAHAM, 2000, p. 50). Billy marcou todo o cenário da comunicação evangelística a nível mundial, construindo seu ministério de forma ousada e objetiva, tendo sido até conselheiro de presidentes.

Desde seu início, a Igreja Cristã é marcada pela busca da comunicação do Evangelho. Em 2.000 anos de história, em suas diversas fases, pré e pós-Reforma Protestante, fez uso dos meios de comunicação e mídia disponíveis, visando à propagação da mensagem que a movia. A mensagem que construía o cerne da sua existência. A comunicação foi uma das formas que a Igreja encontrou

para, nas palavras de Jesus, impedir que as portas do inferno prevalecessem contra ela (cf. Mateus 16:18).

Considerações finais

A trajetória da comunicação da Igreja Cristã é um testemunho de adaptabilidade e resiliência ao longo dos séculos. Desde a sua origem na Igreja Primitiva, marcada pela perseguição e pela necessidade de métodos discretos e improvisados, a comunicação eclesiástica evoluiu significativamente, moldando-se conforme as condições sociopolíticas e tecnológicas de cada era.

No início, a comunicação cristã enfrentou a opressão do Império Romano, que alternava períodos de perseguição com momentos de relativa tolerância. A conversão de Constantino e a oficialização do cristianismo como religião do Império foram marcos cruciais que permitiram à Igreja expandir sua mensagem de maneira mais sistemática. A estrutura administrativa romana, com suas estradas e meios de comunicação eficientes, facilitou a disseminação do Evangelho, transformando a Igreja de uma entidade marginalizada em uma poderosa instituição com grande influência sobre a sociedade romana.

O advento da imprensa no século XV representou uma revolução na forma como a mensagem cristã era propagada. A Reforma Protestante, com seu uso inovador dos meios de comunicação emergentes, como a impressão e os panfletos, desafiou o monopólio da Igreja Católica Romana sobre a interpretação das Escrituras e democratizou o acesso ao conhecimento bíblico. Lutero e seus contemporâneos aproveitaram a mídia para alcançar um público mais amplo e diversificado, um processo que não apenas reformou a Igreja, mas também fomentou o desenvolvimento de novos canais de comunicação religiosa.

Avançando para a era moderna, figuras como John Bunyan, Jonathan Edwards, John Wesley e Billy Graham exemplificam como a comunicação continuou a evoluir e a se diversificar. Esses líderes utilizaram os meios disponíveis—desde impressos e sermões até rádio e televisão—para propagar suas mensagens e expandir o alcance do Evangelho.

Hoje, a Igreja Cristã se encontra em um cenário comunicacional sem precedentes, abrangendo plataformas digitais, redes sociais e mídia de massa. A capacidade de adaptar-se às novas tecnologias e de explorar novos formatos de comunicação continua a ser uma característica fundamental da Igreja, permitindo-lhe cumprir a Grande Comissão de forma eficaz e inovadora.

A história da comunicação na Igreja Cristã ilustra uma busca contínua por formas eficazes de transmitir a mensagem de salvação. Ao longo de 2.000 anos, a Igreja utilizou e adaptou os meios de comunicação disponíveis para assegurar que a mensagem central de Cristo alcançasse o maior número possível de pessoas. A comunicação, portanto, não é apenas uma ferramenta, mas uma força vital que tem sustentado e moldado a missão da Igreja, refletindo a determinação de impedir que as portas do inferno prevaleçam contra ela.

Referências

BEEKE, Joel; PEDERSON, Randall. *Paixão pela pureza: conheça os puritanos*. São Paulo: PES, 2010.
BENÍCIO, Paulo José. Manuscritos gregos na tradição textual do Novo Testamento. *Ciências da Religião: História e Sociedade*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 181-190, 2005. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/573/361. Acesso em: 18 maio 2023.

BOYER, Orlando. *Heróis da fé: vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo*. 40. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
BRANDÃO, Sílvia Sgroi. Perseguições e martírios na história eclesiástica: análise dos escritos de Eusébio de Cesareia. *Revista História e Cultura*, Franca, v. 2, n. 3, p. 268-279, 2013. Disponível em: https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/883. Acesso em: 18 maio 2023.
BUDKE, Sidnei. *Mídia & religião: das portas da Igreja do Castelo de Wittenberg aos processos de midiatização religiosa: desafios teológicos e pastorais diante das novas ambiências da palavra*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SlFE/534/1/budke_s_tm302.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.
BUDKE, Sidnei. O movimento da Reforma protestante & os processos de midiatização religiosa. *Reflexus: Revista de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, v. 10, n. 16, p. 259-273, 2016. Disponível em: https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/407/392c. Acesso em: 18 maio 2023.
BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: Nova Almeida Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
CORREIA, Daniela Daros. *Marcas linguísticas e mecanismos argumentativos no discurso religioso neopentecostal da Comunidade Evangélica Monte Sião*. 2006. 126 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/14415/1/LPO%20-%20Daniela%20Daros%20Correia.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.
COSTA, Marcelo Carvalho. Ide e pregai o evangelho a todo internauta: da igreja primitiva ao evangelismo digital. Desdobramentos do processo de evangelização provocados pelo ciberespaço. *Caderno Intersaberes*, [S. l.], v. 9, n. 19, p. 157-175, 9 out. 2020. Disponível em: https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1618. Acesso em: 18 maio 2023.
CRUZ, Marcus Silva. Religiosidade tardo-antiga e a cristianização do Império Romano. *Fronteiras*, Dourados, v. 12, n. 21, p. 13-31, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5882/588265665002.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.
DANELUZ, Abigail Albuquerque de Souza. *Pressupostos pedagógicos e teológicos da EBD da Igreja Batista: uma leitura crítica da proposta de Lécio Dornas a partir de Paulo Freire e Juan Luis Segundo*. 2010. 160 f. Monografia (Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, São Bernardo do Campo, 2010.
EUSÉBIO, Maria de Fátima. A apropriação cristã da iconografia greco-latina: o tema do Bom Pastor. *Máthesis*, Lisboa, n. 14, p. 9-28, 2005. Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9034/1/9034.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.
FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. *Movimento pentecostal, Assembleia de Deus e o estabelecimento da educação formal*. 2006. 158 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.
GRAHAM, Billy. *O poder do Espírito Santo: ativando o poder de Deus em sua vida*. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2009.
HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2007.
KOPP, Kely Thaís. Billy Graham: o pregador das multidões, conectado ao seu tempo. *Revista Ensaios Teológicos*, Ijuí, v. 6, n. 2, dez. 2020. Disponível em: https://revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/index.php/ensaios/article/view/388. Acesso em: 8 maio 2023.

LAWSON, Steven J. *O foco evangélico de Charles Spurgeon: um perfil de homens piedosos*. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.
LEAL, Carlos Ivan Simonsen. Da Bíblia de Gutenberg à COVID-19. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 1161-1165, 2020.
LEITE, Victor Hugo Ribeiro. *Roma Christiana, Roma Aeterna: a ascensão do cristianismo no Império Romano e a conversão de Constantino I segundo a historiografia*. 2017. 62 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/36178600. Acesso em: 19 maio 2023.
MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.
STOTT, John. *A mensagem de Atos: até os confins da terra*. 1. ed. São Paulo: ABU, 1994.
WON, Paulo. *E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
XAVIER, José. *Novo Testamento analisado*. [S. l.]: Clube de Autores, 2016. E-book.
ZANON, Darlei. Igreja e comunicação: uma aproximação histórica. *Vida Pastoral*, São Paulo, v. 62, n. 340, p. 6-15, jun./ago. 2021. Disponível em: https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2021/06/VP340.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.